

Vida religiosa feminina na Amazônia: contribuições para uma ecologia integral

Women's religious life in the Amazon: contributions to an integral ecology

Ivoneide Viana Queiroz¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo mostrar como a vida religiosa feminina na Amazônia contribui com uma ecologia integral a partir da sua missão em defesa da floresta com toda a sua biodiversidade, bem como em defesa dos povos originários com suas culturas e espiritualidades. Iniciaremos este artigo com uma reflexão sobre a ecologia integral, tendo como referencial teórico a encíclica *Laudato si'* na qual o papa Francisco busca “refletir sobre os diferentes elementos de uma ecologia integral, que inclui claramente as dimensões humanas e sociais”, superando os limites de uma ecologia ambiental. Em seguida apresentaremos uma síntese sobre a atuação missionária da vida religiosa feminina na Amazônia, presente desde 1877. Após o Concílio Vaticano II muitas congregações “armaram suas tendas na Amazônia” onde procuram colocar em prática a “encarnação na realidade” e a “evangelização libertadora” como orienta o *Documento de Santarém*. Por fim, apresentaremos algumas experiências concretas da missão de religiosas naquele chão sagrado, onde são capazes de dar a própria vida em defesa dos mais frágeis e indefesos. Desta forma, a vida religiosa feminina contribui para uma ecologia integral onde as questões ambientais e justiça social estão intimamente interligadas.

Palavras-chave

Missão. Vida religiosa feminina. Amazônia. *Laudato si'*. Ecologia integral.

Abstract

This article aims to show how women's religious life in the Amazon contributes to an integral ecology from its mission in defense of the forest with all its biodiversity, as well as in defense of the native peoples with their cultures and spiritualities. We will begin this article with a reflection on Integral Ecology, having as theoretical framework the encyclical *Laudato si'* in which pope Francis seeks to “reflect on the different elements of an integral ecology, which clearly includes human and social dimensions”, exceeding the limits of an environmental ecology. Next, we will present a synthesis on the missionary performance of women's religious life in the Amazon, present since 1877. After the Second Vatican Council many congregations “set up their tents in the Amazon” where they seek to put into practice the “incarnation in reality” and the “liberating evangelization” as guides the *Document of Santarem*. Finally, we will present some actual experiences of the religious' mission on that sacred floor, where they are capable of giving their lives in defense of the most fragile and helpless. In this way, women's religious life contributes to an integral ecology where environmental issues and social justice are closely intertwined.

Keywords

Mission. Women's religious life. Amazon. *Laudato si'*. Integral ecology.

¹ Doutoranda em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em Teologia pelo Instituto Teológico São Paulo (ITESP). Bacharel em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Licenciada em Filosofia pela Faculdade de Filosofia do Recife (FAFIRE). Missionária na região amazônica. Contato: ivoneideq@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O papa Francisco, em sua encíclica *Laudato si'*, propõe uma ecologia integral em vez de continuar falando apenas de uma ecologia ambiental. Todas as coisas, instâncias e saberes estão interligados. “Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza.” (LS 139).

Segundo o documento preparatório do Sínodo para a Amazônia,² “em sua história missionária, a Amazônia tem sido lugar de testemunho concreto de estar na cruz, inclusive, muitas vezes, lugar de martírio” (ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, p. 17). Nestes 400 anos de evangelização na Amazônia, um bom caminho já foi percorrido. É necessário perceber de que forma a Igreja na Amazônia tem se empenhado no sentido de promover uma ecologia integral como propõe o papa Francisco. A vida religiosa feminina também está nesta caminhada a serviço da vida neste chão sagrado, considerado pelo papa Francisco “teste decisivo, banco de prova para a Igreja e a sociedade brasileira.”³

Neste artigo mostraremos como a vida religiosa feminina na Amazônia contribui para uma ecologia integral a partir da sua presença missionária colocando em prática a “encarnação na realidade” e a “evangelização libertadora” como orienta o *Documento de Santarém*,⁴ referência para a missão na Amazônia.

Pretendemos refletir sobre as contribuições da vida religiosa feminina na Amazônia no que diz respeito à ecologia integral. Este artigo está estruturado em três pontos: uma reflexão sobre a ecologia integral; um resumo sobre a presença da vida religiosa feminina na Amazônia e experiências concretas da missão de religiosas na Amazônia.

1 UMA REFLEXÃO SOBRE ECOLOGIA INTEGRAL

O papa Francisco diz em sua encíclica *Laudato si'*, que pretende “refletir sobre os diferentes elementos de uma ecologia integral, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais” (LS 137). Desta forma, a ecologia integral diz respeito não apenas à “ecologia verde”, mas também à humana, econômica, social, cultural e à ecologia da vida cotidiana.

A partir disso compreendemos que ecologia e justiça social andam juntas, por isso Marcial Maçaneiro diz que o papa Francisco insere oficialmente a ecologia no ensino social da Igreja.

² Sínodo acontecido em Roma no período de 6 a 27 de outubro de 2019 com o tema *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*.

³ Disse o papa Francisco aos bispos do Brasil por ocasião da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro em 2013.

⁴ O *Documento de Santarém*, elaborado em 1972, é oficialmente chamado de *Linhas prioritárias da pastoral da Amazônia*. Encontra-se na coletânea *Desafio missionário: documentos da Igreja na Amazônia* (2014, p. 9-28).

Focada no cuidado da nossa casa comum – a Terra em que habitamos – a encíclica *Laudato si'* [...] é o primeiro documento pontifício totalmente dedicado à questão ecológica. Assim papa Francisco insere oficialmente os temas do meio ambiente, sustentabilidade e cuidado da natureza no ensino social da Igreja, coroando um percurso que vinha desde João XXIII com *Mater et magistra* até Bento XVI com *Caritas in veritate* (cf. LS 15). (MAÇANEIRO, 2016, p. 437).

Assim, não há como separar uma reflexão sobre o meio ambiente da reflexão sobre os direitos humanos. Diz o papa Francisco: “Uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS 49). A exploração do meio ambiente por parte do ser humano acontece há muito tempo, mas, nada se compara ao que se vê depois que entrou em vigor o sistema capitalista. É preciso, portando, no dizer de Leonardo Boff, ouvir “o grito da terra e o grito dos pobres”, pois o mesmo sistema que oprime e explora o pobre também oprime e explora a Terra.

A Amazônia é o lugar onde Gaia mostra a luxuriante riqueza de seu corpo. E é também o lugar onde ela mais sofre violência. Se quisermos ver a face brutal do sistema capitalista/industrialista, então visitemos a Amazônia brasileira. Aí se perpetraram todos os pecados capitais (pecados mortais e pecados do capital). Aí emergem sem rebuços o gigantismo do espírito da modernidade, o racionalizado do racional e a lógica cristalina do sistema. (BOFF, 1995, p. 135).

Sobre esses ‘pecados capitais’, o papa Francisco faz sérias denúncias em sua encíclica. O modelo de desenvolvimento em vigor, não contribui para a preservação da natureza, nem para a vida das pessoas que estão à margem do tal ‘progresso’. Para embasar suas denúncias, papa Francisco fala dos abusos do agro e do hidronegócio. O modelo capitalista não considera as populações tradicionais, não pensa nos pobres, nos mais frágeis, se preocupa apenas com o lucro e o progresso para uma minoria privilegiada. Isso é muito claro na Amazônia brasileira. Entre outros exemplos, o papa cita “a poluição da água afeta particularmente os mais pobres que não têm possibilidades de comprar água engarrafada” (LS 48). Outro fator que contribui para a degradação ambiental e que preocupa o papa Francisco é o estilo de vida que supervaloriza o consumismo, por isto ele nos convoca para repensarmos sobre tudo isto e aponta que a preservação dos recursos naturais e a soberania dos povos só virá a partir do momento em que pararmos para aprender com o modo de vida das comunidades tradicionais. E por isto nos diz dom Cláudio Hummes. A crise ambiental grave que hoje afeta a humanidade necessita, portanto, de uma “conversão ecológica” das sociedades humanas e das pessoas que as compõem. É preciso mudar de direção (HUMMES, 2019, p. 43).

Francisco de Assis, patrono da ecologia, nos ensina que a conversão ecológica acontece na medida em que estabelecemos uma relação harmoniosa com todo o cosmos. É preciso se comportar como irmão ou irmã de todas as criaturas, respeitando, admirando e amando a tudo e a todos. E assim poder louvar ao criador: “Louvador sejas, meu Senhor, por todas as suas

criaturas!”. O papa Francisco na *Laudato si’* refere-se a São Francisco como o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. “Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenho na sociedade e a paz interior” (LS 10).

2 PRESENÇA DA VIDA RELIGIOSA FEMININA NA AMAZÔNIA

O que é a Amazônia? Dada à complexidade da bela, vasta e ameaçada região, é necessário expor uma definição para sabermos por onde estamos caminhando. A Amazônia continental ou internacional, também chamada de Pan-Amazônia, é uma região na América do Sul, definida pela bacia do Rio Amazonas e coberta em grande parte por floresta tropical (que também é chamada floresta equatorial da Amazônia ou hileia amazônica). A floresta estende-se por nove países: Brasil, Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana, Guiana Francesa e o Suriname.

No Brasil, para efeitos de governo e economia, a Amazônia é delimitada por uma área chamada Amazônia legal que abrange nove estados: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e parte dos estados de Mato Grosso, Tocantins e Maranhão. É desta Amazônia brasileira que falaremos neste artigo.

A realidade amazônica tem despertado a sensibilidade, a solidariedade e o profetismo em muitas pessoas e grupos. Muitas congregações religiosas femininas estão presentes nesta área de especial missão, desde o final do século XX, junto aos povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos na defesa do território e da biodiversidade. No entanto, quando buscamos registros destas presenças, ou seja, quando tentamos ‘recolher’ o que já se tem descoberto e produzido sobre este tema, nos deparamos com as lacunas, com o silêncio e invisibilidade. Existe no Brasil uma vasta bibliografia sobre a vida religiosa de modo geral; sobre a vida religiosa feminina, a quantidade de escritos diminui e, quando se trata da vida religiosa feminina na Amazônia, é quase nula, a não ser sobre uma ou outra religiosa quando a vida lhe é ceifada. Sobre a vida religiosa feminina no Brasil, Caroline Jaques Cubas apresenta as principais bibliografias e confirma que os escritos são, na maior parte, do período colonial, sendo pouco numerosos os trabalhos dedicados à vida religiosa feminina na segunda metade do século XX (CUBAS, 2014, p. 146).

Conforme Possidônio da Mata, as primeiras congregações femininas que chegaram à região Amazônica foram as doroteias em 1877 e as Filhas de Sant’Ana em 1884. Depois chegaram outras: Irmãs Terciárias Capuchinhas em 1899, Irmãs Dominicanas em 1902, Irmãs de Santa Catarina de Sena em 1903 e, em 1911, as Irmãs Franciscanas Missionárias de Mary Hill. Ele nomeia também as comunidades religiosas fundadas na Amazônia neste período: em 1903, as Terceiras Regulares Capuchinhas; em 1910, as Missionárias da Imaculada Conceição;

em 1916, as Filhas do Coração Imaculado de Maria; em 1954, as Missionárias de Santa Terezinha; em 1947, as Legionárias Nossa Senhora Rainha dos Corações; e, em 1966, as Missionárias do Coração Eucarístico (MATA, 2008, p. 62).

É importante destacar que como a Santa Sé confiava as novas prelaças a um instituto religioso, este em geral, se estabelecia trazendo consigo o ramo feminino. Assim, aconteceu em Humaitá e Porto Velho com os (as) salesianos (as); no Alto Acre e Purus com os (as) servitas; em Lábrea com os (as) agostinianos (as). (FERRARINI, 2006, p. 50).

Carla Onofre Ramalho e Paulina Onofre Ramalho relatam sobre a presença das Irmãs Missionárias Beneditinas e Irmãs Missionárias da Consolata que assumiram funções tradicionalmente atribuídas às mulheres, como a saúde e educação, com a fundação de inúmeras escolas, asilos, orfanatos e hospitais.

Mas, como sabemos, a vida religiosa feminina, depois do Concílio Vaticano II e do novo jeito de ser Igreja na América Latina, assumiu a caminhada ao lado dos pobres e marginalizados. Embora não tenha visibilidade, a vida religiosa feminina assumiu sua dimensão profética e missionária lançando-se no serviço aos mais necessitados, nas regiões de fronteira e em muitas regiões deste imenso país. Maria José Rosado Nunes, referindo-se às Comunidades Eclesiais de Base, diz que as religiosas foram não somente as mais numerosas, “mas também, a qualquer outro fator que se possa compará-las, as mais eficazes no estabelecimento de comunidades nos bairros pobres das cidades” (NUNES, 1997, p. 504).

Trazendo esta realidade para a Amazônia, Agnese Costalunga diz: “A história testemunha que, não raras vezes, as comunidades de vida religiosa apostólica, particularmente as femininas, encontram-se na vanguarda da missão, a afrontar os maiores riscos e a vida dos seus membros” (COSTALUNGA, 2013, p. 253). Porém, muitas religiosas não se deixam intimidar, acreditam que são enviadas para defender a vida onde ela se encontra mais ameaçada, mesmo que paguem o preço com a própria vida.

3 EXPERIÊNCIAS CONCRETAS DE RELIGIOSAS NA AMAZÔNIA

Muitas irmãs já doaram suas vidas em favor dos povos da Amazônia e do meio ambiente. Possidônio da Mata, ao falar da repercussão do *Documento de Santarém*, escreve que parte da Igreja passou a solidarizar-se com os mais pobres e oprimidos: índios, posseiros, sem-terra, migrantes, desempregados, etc., rompendo os vínculos históricos tradicionais e por isso sofreu as retaliações dos poderosos, como prisões, ameaças de morte e assassinatos, e passaram a fazer parte da vida da Igreja na Amazônia. Ao citar vários mártires da Igreja na Amazônia, também cita três religiosas: irmã Adelaide Molinari, da Congregação Filhas do Amor Divino, a irmã Cleusa Carolina Rody Coelho, Missionária Agostiniana Recoleta (ambas assassinadas em 1985) e a irmã Dorothy Stang, que pertencia às Irmãs de Nossa Senhora de Namur, assassinada

em 2005 (MATA, 2008, p. 73). Entre outras publicações sobre irmã Dorothy, citamos a obra *Mártir da criação: Dorothy Stang* (SALVOLDI, 2012).

O compromisso das irmãs com os povos indígenas, não apenas na convivência do dia a dia, mas também em instâncias maiores, como é o caso da própria organização do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) em 1972, merece destaque. “O grupo fundador era heterogêneo, incluía bispos e missionários com várias visões e posturas. Entre eles: irmã Silvia Wewering, das Servas do Espírito Santo” (PREZIA, 2003, p. 60).

As irmãs estão presentes nas missões indígenas, desde muito cedo, mesmo quando ainda não se tinha conhecimento da presença de religiosas. A missão entre os munduruku foi a primeira missão aberta no Pará no século XX pelos franciscanos da Diocese de Santarém, em 1908. As Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição chegaram em 1912 (RUFFALDI, 2002, p. 20)

E o que dizer das Irmãzinhas de Jesus junto ao povo Tapirapé no Mato Grosso? Merece destaque a irmã Genoveva Helena (irmã Veva), que chegou em 1952, aos 28 anos de idade, quando os tapirapé estavam em via de extinção. Irmã Veva permaneceu junto a este povo até o dia de sua morte, em setembro de 2013, aos 90 anos. Hoje os tapirapé estão organizados em oito aldeias com aproximadamente mil indígenas. Da presença missionária das irmãs nasceu o livro *Parteiras de um povo: 65 anos de presença das Irmãzinhas de Jesus junto ao povo apyãwa-tapirapé* (REMY, 2018).⁵

Na Diocese de Óbidos, no Pará, estão presentes várias congregações femininas, entre elas a Congregação Franciscana de Maristella, desde 1970. Hoje, estão apenas em Juruti Velho (Vila Muirapinima) e em Curuá, mas já estiveram também em Juruti, Terra Santa, Óbidos e Tiriyo (Parque do Tumucumaque).

Ivoneide Queiroz apresenta depoimentos de algumas Irmãs Franciscanas de Maristella na Diocese de Óbidos, Pará, onde atuam em realidades distintas: nas cidades, vilas e aldeias com forte atuação contra madeireiros e mineradoras e na defesa dos povos indígenas. A “encarnação na realidade”, como primeira diretriz do *Documento de Santarém* é algo muito importante na missão das Irmãs Franciscanas de Maristella. Como consta no documento, as irmãs também desejam “um total entrosamento com a realidade concreta do homem e do lugar pelo conhecimento e pela convivência com o povo, na simplicidade e na amizade do dia a dia”. Um exemplo concreto se dá na missão nas comunidades indígenas. Vejamos o que diz irmã Nilma quando estava entre os povos indígenas na Missão Tiriyo:

Em 2009, fui para a região de Itaituba viver uma experiência de convivência com os parentes munduruku no Alto Tapajós e no Rio Cururu, permanecendo com estes por dois anos (2009 e 2010) e atuando como missionária e enfermeira. Fazer esta experiência foi a realização de um sonho na minha

⁵ A vida e profetismo de Genoveva Helena, Odila de Jesus e suas irmãs de fraternidade é contado na obra escrita por Eliane Remy, prima de Genoveva, originalmente em francês.

vida. Hoje estou na Missão Tiriyo que pertence à Diocese de Óbidos. A partir do momento em que nos permitimos nos esvaziar de nossa cultura, costumes, religião, ideias, conhecimentos, daquilo que nos é próprio para nos deixar preencher e enriquecer do outro, vivenciamos completa e plenamente o despojamento em nossa missão. (QUEIROZ, 2014, p. 72).

No que se refere à “evangelização libertadora”, a atuação das irmãs tem sido na linha de colaborar com o povo nas comunidades, nos grupos e nos organismos sociais pela prática de uma vivência de ‘fé e vida’, ou seja, de um agir enraizado numa prática de fé que tem como base a defesa da vida. Assim diz irmã Fátima:

Tenho consciência de que contribuir nesta região tão rica e vasta e, ao mesmo tempo tão ameaçada, saqueada, abandonada, desrespeitada [...] é compromisso sagrado para a vida religiosa consagrada que se diz seguidora do projeto de Jesus Cristo. Aqui a luta pelo direito de permanecer na terra, pela preservação da natureza com sua rica biodiversidade e para garantir que as chamadas políticas públicas cheguem aos que dela necessitam, tornou-se parte da missão. (QUEIROZ, 2014, p. 74).

Lindomar Silva, que conhece bem a atuação das Irmãs em Juruti Velho (Vila Muirapinima) diz que as mesmas

adotaram a pedagogia popular e a teologia da libertação e desenvolveram o trabalho junto à comunidade, com a realização de vários cursos, seminários, fóruns e intercâmbio com outras comunidades, o qual tinha como perspectiva a formação de uma consciência política, assim como estabelecer cooperação visando desenvolver e transformar a realidade social, econômica e política, e também criar consciência política dos líderes. (SILVA, 2015, p. 184).

Em suas entrevistas, ao perguntar às lideranças a respeito de como poderiam classificar a importância da Igreja católica no processo de organização e incidência junto a ALCOA, responderam: “‘fundamental’. Acredita-se que a resposta é decorrente da história, do incentivo e da participação das franciscanas nas lutas coletivas travadas pelas comunidades” (SILVA, 2015, p. 192).

O Sínodo da Amazônia contou com a presença recorde de 35 mulheres, mais da metade eram religiosas. Conforme Márcia Maria de Oliveira, uma das peritas no sínodo, a assembleia sinodal reconhece o protagonismo das mulheres nas comunidades, pastorais, movimentos sociais e em todo conjunto da missão da Igreja na Pan-Amazônia. A participação das mulheres, segundo o artigo, tem grande relevância pela qualidade do conteúdo que levaram para debater, com destaque para a ecologia integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida religiosa feminina tem se colocado a caminho, enfrentando as estradas e os rios, em direção às aldeias e quilombos, nos interiores e nas periferias desta imensa Amazônia, com o firme desejo de contribuir com uma ecologia integral, ou seja, com o firme desejo de contribuir

com a vida onde ela se encontra ameaçada, seja a vida dos povos ou da floresta com toda sua biodiversidade. Acredita-se também que, de fato, ‘tudo está interligado’, a destruição da natureza é a destruição do ser humano. É urgente uma conversão ecológica que leve o ser humano a uma convivência harmoniosa com o cosmos. O capítulo IV do documento final do Sínodo da Amazônia propõe “novos caminhos de conversão ecológica”. Diante de uma crise socioambiental sem precedentes, necessitamos uma conversão ecológica para responder adequadamente. Portanto, como Igreja amazônica, diante da agressão cada vez maior contra nosso bioma ameaçado de desaparecer, com tremendas consequências para nosso planeta, nos colocamos em caminho inspirados pela proposta da ecologia integral. Reconhecemos as feridas causadas pelo ser humano em nosso território, queremos aprender de nossos irmãos e irmãs dos povos originários, num diálogo de saberes, o desafio de dar novas respostas buscando, modelos de desenvolvimento justo e solidário. ✨

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS. **Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral.** Instrumentum laboris para a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região pan-amazônica. Brasília: Edições CNBB, 2019.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres – dignidade e direitos da Mãe Terra.** São Paulo: Ática, 1995.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Desafio missionário: documentos da Igreja na Amazônia.** Brasília: Edições CNBB, 2014.

COSTALUNGA, Agnese. Amazônia: narrando os acontecimentos do caminho para Jerusalém e como o reconheceram na fração do pão (cf. Lc 24,33-35). **Convergência**, Brasília, ano 48, n. 461, p. 252-262, maio 2013.

CUBAS, Caroline Jaques. A vida religiosa feminina durante a segunda metade do século XX: um olhar historiográfico. **Expedições**, Morrinhos, v. 5, n. 2, p. 146-168, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/2889>. Acesso em: 30 nov. 2019.

FERRARINI, Sebastião Antônio. **História da Igreja na Amazônia: vida religiosa consagrada no noroeste amazônico.** Porto Velho: Palmares Gráfica, 2006.

FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato si’:** sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

HUMMES, Cláudio. **O Sínodo para a Amazônia.** São Paulo: Paulus, 2019.

MAÇANEIRO, Marcial. Ecologia, fé e justiça social: para uma recepção da encíclica Laudato si’ do papa Francisco. In: **Revista Medellín**, Bogotá, n. 163, p. 435-460, set./dez. 2016. Disponível em: <<http://documental.celam.org/medellin/index.php/medellin/article/view/119/120>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

MATA, Raimundo Possidônio. A Igreja católica na Amazônia da atualidade. In: HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja na Amazônia.** Petrópolis: Vozes; Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina, 1992.

MATA, Raimundo Possidônio. Caminhos de evangelização na Amazônia. In: LABONTÉ, Guy; ANDRADE, Joachim (Orgs.). **Caminhos para a missão: fazendo missiologia contextual**. Brasília: CCM, 2008.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. O protagonismo das mulheres no Sínodo da Amazônia. **Rede Eclesial Pan-Amazônica**, 31 out. 2019. Disponível em: <<https://repam.org.br/?p=3729>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

PREZIA, Benedito (Org.). **Caminhando na luta e na esperança: retrospectiva dos últimos 60 anos da Pastoral Indigenista e dos 30 anos do CIMI**. São Paulo: Loyola, 2003.

QUEIROZ, Ivoneide. O despojamento como elemento essencial na missão. **Convergência**, Brasília, ano 49, n. 468, p. 63-78, jan./fev. 2014.

REMY, Eliane. **Parteiras de um povo: 65 anos de presença das Irmãzinhas de Jesus junto ao povo apyãwa-tapirapé**. Goiânia: Scala Editora, 2018.

RUFFALDI, Nello. **O desafio da missão**. CIMI – Conselho Indigenista Missionário. Regional norte II (PA- AP) – janeiro de 2002. Belém: Mensageiro, 2002.

SALVOLDI, Valentino. **Mártir da criação: Dorothy Stang**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SILVA, Lindomar de Jesus de Sousa. **Natureza capitalista versus natureza orgânica: o advento da ALCOA e a mobilização e organização das comunidades de Juruti no baixo-amazonas paraense**. 2014. 278 f. Tese (Doutorado em Planejamento do Desenvolvimento) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

ZONTA, José Ricardo. Trinta anos da morte de irmã Cleuza, missionária agostiniana. **Convergência**, Brasília, ano 50, n. 486, p. 750-767, nov. 2015.